Veteranos e estreantes aquecem as vendas na 72ª Feira do Livro

ARTUR KOCH/JC



Marcia Martins é proprietária da editora Martins Livreiro, presente desde a primeira edição da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1955

Feira do Livro evidencia a pluralidade do setor livreiro gaúcho

NEGÓCIOS

MANUELA CASSANO E GUSTAVO MARCHANT
geracaoe@jornaldocomercio.com.br

A Feira do Livro de Porto Alegre é um período decisivo para as contas de livrarias e editoras que ocupam a Praça da Alfândega durante o evento. Entre os dias 30 de outubro e 15 de novembro, a 72ª edição tem público estimado de 1,5 milhão de pessoas, que poderão visitar as 79 bancas instaladas na estrutura. Segundo a organização da feira, só nos primeiros 10 dias foram vendidos mais de 155 mil livros, um aumento de 10,57% em comparação ao mesmo período do ano anterior.

Para os expositores, o momento é uma oportunidade de ampliar as vendas e tornar suas marcas mais conhecidas entre os leitores. Entre eles está a **Martins Livreiro**, editora cuja história na feira começou ainda na primeira edição e hoje é mantida pela segunda geração da família.

Em 1954, Manuel dos Santos Martins ouviu que apostar em livro gaúcho era loucura e que ele iria quebrar em três meses. Em 2026, sua filha Marcia Martins, de 66 anos, segue mantendo esse legado vivo.

Para garantir essa continuidade, a engrenagem do negócio hoje passa longe da dependência de um ponto fixo. A Martins Livreiro Editora encontrou na participação em feiras itinerantes a sua principal estratégia de caixa: a editora percorre um circuito de cerca de 15 feiras municipais por ano no interior do Estado. Nesses eventos, o faturamento é alavancado também pela circulação do vale-livro escolar, concedido a estudantes da rede pública.

"As feiras são a nossa principal fonte de sobrevivência financeira no momento. Se não tivessem as feiras, a gente não sobreviveria", afirma Marcia, que completa 52 anos de atuação contínua na Feira do Livro de Porto Alegre — onde começou aos 14 anos trabalhando ao lado do pai.

Na Capital, a projeção é encerrar a 72ª feira com um crescimento de 20% nas vendas em relação ao ano passado. O otimismo é sustentado pelo desempenho dos primeiros dias de evento, que registraram receita superior ao mesmo período de 2025 e garantiram gordura financeira para absorver a desaceleração nos dias de chuva.

Na banca de número 63, o movimento de vendas tem sido puxado por obras ilustradas e livros que já são referência. O título mais procurado tem sido Revolução Farroupilha 1835 a 1845, obra ilustrada que utiliza emojis e recursos gráficos para recontar a história do confronto para leitores jovens — foram mais de 100 exemplares comercializados apenas nos primeiros dias de feira.

Leitura acessível para garantir o hábito

O Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul, com mais de 6,8 mil verbetes e 16 páginas dedicadas à figura do gaúcho, mantém saída constante entre um público formado por leitores 40+ e jovens ligados ao tradicionalismo gaúcho. Além das obras de catálogo, a editora aposta em caixas promocionais com livros a R$ 5,00 como ferramenta para movimentar a bancada e democratizar o acesso à leitura.

Conforme Marcia, o valor simbólico cumpre uma função de incentivo diante da falta de hábito de leitura na sociedade. "Eu preciso disso. Tenho que largar o livro no mercado para que o pessoal possa ler. As pessoas têm que ler, nem que seja bula de remédio! Eu vendo obras por esse preço ao longo do dia para incentivar", defende a empreendedora.

Para a filha de Manuel, o conhecimento da história do Estado vai além do aspecto comercial da marca, servindo também como ferramenta de cidadania. "A história do Rio Grande do Sul te ensina a lutar não por um tênis ou um boné, mas pela carne, pela comida. A gente tem que ler para saber o porquê da luta", entende Marcia.

Para não confundir os legados

O trabalho de campo, contudo, é acompanhado por uma batalha de posicionamento e preservação em relação ao legado do pai. Marcia esclarece que a editora não está mais ligada ao antigo sebo da rua Riachuelo, vendido pela família há três décadas e recentemente repassado a novos donos que mantiveram a fachada original e fotos do fundador.

"A Martins antiga é aqui onde estou continuando o trabalho do meu pai. A livraria física não tem mais nenhum vínculo conosco. Prefiro fechar com o nome limpo e tranquilo."

Sobre o avanço dos livros digitais, Marcia se recusa a migrar o catálogo para e-books. "Se eu tiver que fazer só livro online, eu fecho a editora. Não faço, porque para mim não interessa fazer. Ainda gosto do cheiro do livro e acho que as pessoas têm que ter uma biblioteca em casa", explicita a empreendedora, que enxerga o impresso como ferramenta inabalável.

"Dizem que ninguém mais lê. O pessoal ainda lê. É que nem rádio e televisão, que disseram que iam acabar com o livro. Não acabou e não vai acabar", ressalta.

Memória é motor da operação

Toda essa filosofia de trabalho e a trajetória da família estão eternizadas nas páginas do livro autobiográfico escrito por seu Manuel, intitulado Memórias Novas e Usadas: Folclore do Livro. Na obra, exposta na banca, o fundador resgatou o início de sua vida profissional como entregador de jornais e office boy em livrarias do Centro Histórico de Porto Alegre, época em que aprendeu a avaliar volumes antigos e formulou a máxima de que "o jornal é primo do livro".

Após 72 anos, Marcia reafirma o compromisso com a memória do pai a cada edição do evento. Embora admita com bom humor o cansaço natural de quem soma cinco décadas de banca e adoraria tirar férias longas, o amor pela Feira do Livro e o orgulho de manter a história viva falam mais alto.